O Colóquio foi aberto ao público interessado, tendo participado cerca de uma centena de pessoas, muitas das quais directamente envolvidas em movimentos religiosos ou com interesse em recolher informações de ordem prática sobre o tema debatido, o que condicionou os debates. Alguns meios de comunicação social acompanharam este Colóquio, dando-lhe um certo relevo.

M.A.

•

ACTIVIDADE DO PROJECTO PIEDADE POPULAR (CHC/UNL)

No último ano, o Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa levou a efeito duas importantes iniciativas no âmbito do seu projecto de investigação da Piedade Popular. A primeira foi a mesa redonda sobre «Festas e romarias», que decorreu naquela Universidade em 16 de Novembro de 1995, com a presença de grande número de estudiosos daquele tema. Não menos relevante foi a conferência da professora Paule Lerou sobre o percurso das confrarias religiosas durante a Revolução Francesa, que teve lugar no dia 27 do mesmo mês. Ambas contribuíram para realçar a importância deste grupo de trabalho na difusão e promoção do debate em torno da História do catolicismo popular em Portugal.

Do programa do primeiro encontro constavam as seguintes participações e comunicações: António Lourenço Fontes, «Piedade popular e a saúde», Maria Fernanda Enes, «A piedade popular nas festas do Espírito Santo em S. Miguel-Açores», José Henriques Dias, «A Romaria do Espírito Santo de Coimbra», Rui Afonso Costa, «Tendências evolutivas da Piedade popular. Estudo comparativo de dois casos», Sara Pereira e Marília Favinha, «Nossa Senhora da Rocha: celebração do mito no centenário», Maria da Conceição Quintas, «Festas do Senhor do Bonfim em Setúbal, Séculos XIII-XIX» e Francisco Vaz, «A Romaria da Senhora de Aires em Viana do Alentejo». O padre Fontes, de Vilar de Perdizes, salientou vários casos de práticas propiciatórias de cura, insistindo nas diversas vertentes da relação do povo da sua região com o sagrado. Seguiu-se a intervenção da professora Fernanda Enes, a qual apresentou de forma exemplar a problemática das festas do Espírito Santo açoreanas, com destaque para as formas de «diálogo» entre os seus organizadores e o poder eclesiástico. Rui Costa comparou as romarias da Senhora da Agonia e de S. Bartolomeu de Esposende para avaliar o processo de secularização destes festejos. Outro dos participantes, Francisco Vaz, tratou do aspecto profanos da festa da Senhora de Aires, sublinhado o caso da feira de gado que ali decorria. O encontro permitiu ainda um pequeno debate sobre os assuntos expostos.

A conferência de Paule Lerou, algumas semanas mais tarde, teve a vantagem de salientar as estratégias usadas pelas confrarias para sobreviverem num tempo

desfavorável à sua actividade, como foi o da Revolução Francesa. Mudança de nome destas associações, alteração de local de culto, apresentação dos seus componentes como «republicanos, patriotas e confrades» foram algumas das soluções usadas e apontadas por aquela investigadora francesa. Mme. Lerou referiu ainda que a reconstituição de várias destas confrarias, após os tempos revolucionários, foi mais rápida que depois da I Guerra Mundial e destacou algumas formas de resistência à sua supressão, durante a ocupação alemã do país. Recordam os que a professora Paule Lerou é a coordenadora internacional do projecto internacional de repertório bibliográfico da Piedade Popular do CNRS e que este é dirigido, em Portugal, pela professora Zília Osório de Castro e coordenado por Rui Afonso Costa e Fernando Vaz. Está previsto para o final de 1996 o lançamento do 1° volu-me deste repertório para o caso português. Ali são referenciadas mais de 750 trabalhos neste domínio, relativos aos distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto, aspecto que tornará a obra, por certo, num importante instrumento de trabalho para os investigadores da Piedade Popular no nosso país. Enquanto o repertório não é publicado, pode ser consultado o último número de «Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias», correspondente ao volume VIII, que fornece uma primeira indicação de alguns resultados alcançados por esta equipa e por este projecto do Centro de História da Cultura da UNL.

Pedro Penteado

•

ARQUIVO ROMANO DA COMPANHIA DE JESUS

Desde o início de Outubro de 1995, o Arquivo Romano da Companhia de Jesus passou a funcionar em novo edifício construído especialmente para o efeito, deixando as velhas instalações que já não permitiam corresponder adequadamente às exigências de arquivistas e investigadores.

As novas instalações incluem amplos espaços de pesquisa e consulta, permitindo a um número muito maior de leitores o acesso aos fundos documentais que reflectem a actividade do governo central da Companhia de Jesus desde a sua fundação, em 1540, até aos nossos dias.

É bem conhecida a importância deste arquivo para o estudo da presença dos jesuítas em Portugal e seus domínios. Nele se conserva a abundante correspondência que era enviada para Roma de todas as partes do mundo, em vários fundos que ainda permitem novas investigações, mesmo para além do âmbito da história religiosa. Saliente-se que a documentação conservada oferece ao pesquisador informações essenciais para o conhecimento e compreensão da história missionária portuguesa, nomeadamente no Brasil, China, Japão, Índia e África.